

QUESTÃO ARITMÉTICA

A inflação pode deixar de ser um tormento na vida brasileira se o país passar a respeitar as quatro operações aritméticas

O Brasil tem sido o país da inflação, há muitas e muitas décadas. Na verdade, há quase dois séculos. Nossos primeiros cronistas econômicos já falavam de descontrole monetário no fim do período colonial e durante o Império, nos dois reinados. “O Império era o déficit”, resumiu Rui Barbosa, ministro da Fazenda do governo provisório presidido pelo marechal Deodoro da Fonseca, que derrubou o Império. Tal declaração não impediu que o começo da vida republicana fosse marcado pelo descontrole na emissão de títulos, a ponto de se formar uma bolha especulativa que estourou em apenas dois anos (“o encilhamento”, alusão a uma expressão usada na época, segundo a qual cavalos encilhados só passavam uma vez e não se podia desperdiçar a oportunidade). A República Velha se foi em 1930, quando, em torno do obelisco da Avenida Rio Branco, tropas gaúchas aparearam dos cavalos encilhados que os trouxeram para o Rio para exigir a renúncia do presidente Washington Luís.

Porém, a chamada Era Vargas

também se veria às voltas com a carestia. O controle de preços e de tarifas públicas se tornaria rotina a partir de então. Várias gerações de brasileiros tiveram de tomar cafezinho de péssima qualidade, por causa de um tabelamento que carregava para exportação o que havia de melhor do produto, carro-chefe das exportações do país por anos a fio. A inflação erodiu a imagem do governo de Juscelino Kubitschek. Para os contemporâneos de JK, ele foi o presidente bossa nova, que modernizou o país, incentivou a indústria, abriu estradas, construiu Brasília, mas emitindo moeda sem cerimônia (rodava a “guitarra”, outra expressão da época). Jânio Quadros e João Goulart foram apeados do poder ao meio de um ambiente de economia mergulhada na inflação. Os governos militares tentaram dominar o dragão, sempre com a velha técnica do tabelamento e do controle artificial de preços. A crise do petróleo deu uma rasteira nos generais presidentes, que foram à lona.

E deixaram como herança para o governo civil que iniciaria a fase de redemocratização do país uma inflação aguda. Inflação que se sairia mais uma vez vencedora diante de diversos planos econômicos fracassados e mal-engendrados, tornando-se crônica. Até que o Plano Real acendeu uma chama de esperança e indicou o caminho para quem sabe, um dia, convivermos em

clima de estabilidade monetária para valer. Daí os atuais índices de inflação causarem tanta perplexidade. O Brasil fechará 2017 com o IPCA, calculado pelo IBGE, abaixo do piso da meta de inflação. Ou seja, abaixo de 3%. O Banco Central terá de pedir desculpas ao Ministro da Fazenda por ter demorado a reduzir as taxas básicas de juros, que, no momento, já são, nominalmente, as mais baixas desde que o real começou a circular em 1º de julho de 1994. E hão de cair mais. O paquiderme não está mais sendo combatido com inseticida, pois parece que perdeu completamente o fôlego.

O que causa mais perplexidade é que a inflação desabou diante de um cenário político que não difere muito daqueles que o Brasil viveu nas diversas crises desde os tempos do Império. E em uma conjuntura econômica na qual as finanças públicas ainda estão fora do prumo, porque o país não respeita a aritmética. As quatro operações até por quem ostenta diploma de doutorado. “Governar é abrir estradas”, dizia o presidente Washington Luís que seria deposto em 1930. Até aí tudo bem, pois o Brasil continua mesmo precisando de estradas, desde que se respeitem as limitações orçamentárias. E assim retornamos ao dilema de respeitar as quatro operações (adição, subtração, multiplicação e divisão). Esta semana veremos se o





Congresso será capaz de quebrar mais um tabu. Se a Câmara dos Deputados votar a favor da minirreforma da Previdência Social, demonstrará que parlamentares sabem fazer contas não apenas para o mal, mas para o bem também. São passos necessários para que a economia brasileira seja normal, como qualquer outra, e não uma anomalia.

Em busca de aliados

Muitos dos aproveitamentos hídricos que podem abrigar usinas de médio porte para geração de eletricidade estão situados bem próximos ou até dentro de terras indígenas. As empresas que se dispõem a explorar esses aproveitamentos acham que é possível evitar os conflitos que impedem licenciamentos ou a continuidade das obras, posteriormente. Se terras indígenas forem afetadas, as tribos devem ser recompensadas com o pagamento de royalties, calculados de maneira correta. Os índios se tornariam sócios indiretos dos empreendimentos, encontrando assim até uma fonte segura de financiamento de longo prazo para preservar as terras e para manter o seu modo de vida sem serem perturbados por ameaças de invasão.

Ministros usam FAB para dar carona a parentes e lobistas

Seis titulares do 1º escalão do governo levaram filhos ou mulheres na comitiva

Decreto que dispõe sobre os voos não autoriza expressamente o embarque de pessoas sem função pública

CAMILA MATTOSO FÁBIO
FABRINI

DE BRASÍLIA

Ministros do governo de Michel Temer usaram voos da FAB (Força Aérea Brasileira), requisitados com o propósito de cumprir agendas de trabalho, para transportar parentes, amigos e representantes do setor privado. Há carona a mulheres e filhos, que não têm vínculo com a administração pública.

A Folha levantou as informações por meio da Lei de Acesso à Informação. O decreto 4.244/2002, que dispõe sobre os voos, permite o uso da frota "somente" para o transporte de vice-presidente, ministros de Estado, chefes dos três Poderes e das Forças Armadas, salvo nos casos em que há autorização especial do ministro da Defesa.

A norma não autoriza expressamente o embarque de pessoas sem cargo ou função

pública. Também não há previsão para que congressistas peguem carona.

A reportagem obteve dados de viagens feitas por 12 ministros. Seis deles levaram filhos ou esposas na comitiva, não raro para cumprir agendas em locais turísticos.

Um sétimo deu carona para a mulher de um colega de Esplanada. Três das autoridades levaram amigos a bordo e três transportaram empresários ou lobistas. Sete pastas não apresentaram as relações de passageiros.

Entre 13 e 16 de outubro de 2016, a FAB cedeu um de seus jatos para que o titular do Meio Ambiente, Sarney Filho (PV), participasse de encontro sobre sustentabilidade no Pantanal. O evento, emendado com o dia das crianças, se deu no Refúgio Ecológico Caiman, hotel luxuoso em Miranda (MS). Na comitiva estava o filho de 11 anos do ministro.

Bruno Araújo (PSDB), que se desligou recentemente das Cidades, levou a mulher, Maria Carolina, em ao menos seis viagens oficiais. Em junho de 2016, o casal embarcou para Campina Grande (PB) no dia da

abertura do "Maior São João do Mundo". Os dois, na sequência, embarcaram para o Recife, onde mantêm domicílio. Era uma sexta-feira.

Desde 2015, é proibido aos ministros usarem voos da FAB para retomo à residência. Maria Carolina fez ao menos mais cinco viagens em aeronaves oficiais, das quais três passando por Pernambuco, sempre em fins de semana ou datas coladas a sábado ou domingo. Em duas ocasiões, a filha do casal estava junto.

O peemedebista Helder Barbalho (Integração Nacional) — provável candidato ao governo do Pará — também levou a mulher, Daniela, para um São João, o tradicional Arraial dos Caetés, em Bragança, em junho. Foi uma viagem em família, com a presença do pai do ministro, o senador Jader Barbalho, e da mãe, a deputada Elcione Barbalho, ambos do PMDB.

A FAB alega que recebe das autoridades a lista dos passageiros, mas não tem responsabilidade sobre as comitivas.

Em abril, uma caravana de casais saiu de Brasília rumo a Foz do Iguaçu (PR) para a premiação do Lide (Grupo de Líderes





Empresariais), grupo da família do prefeito João Doria (PSDB).

O voo foi requisitado à FAB pelos ministros Dyogo Oliveira (Planejamento) e Samey Filho, que embarcou junto da mulher, Camila Serra. Também viajaram o tucano Antonio Imbassahy (Secretaria de Governo), que pediu demissão na sexta (8), e a mulher, Márcia, que também pegou carona em outras missões oficiais.

Fizeram companhia no avião, com suas mulheres, Rodrigo Rocha Loures, ex-assessor especial de Temer preso após ser flagrado

com uma mala de R\$ 500 mil da JBS, o senador Romero Jucá (PMDB-RR) e o relator da reforma da previdência, Arthur Maia (PPS-BA). O presidente do TST (Tribunal Superior do Trabalho), Ives Gandra, embarcou com uma assessora. O evento, em um resort próximo das cataratas, durou três dias.

Gilberto Kassab (Ciência, Tecnologia e Comunicações), do PSD, voou na companhia de amigos e empresários. Um deles é Marcelo Rehder, contemporâneo de faculdade do ministro e diretor

da empresa Ella Link, envolvida em um projeto do futuro cabo submarino Brasil-Europa. Ele pegou carona, por exemplo, para uma agenda de Kassab no Instituto Butantã, em São Paulo, que produz vacinas.

Outro passageiro em voos do ministro é Paulo Tonet Camargo, vice-presidente de Relações Institucionais do Grupo Globo e presidente da Associação Brasileira de Rádio e Televisão. Em três ocasiões, houve agendas relacionadas ao setor de comunicações, como um jantar da RBS, afiliada da Globo no Rio Grande do Sul.

NAS ASAS DA FAB

Políticos dão carona para parentes, aliados e amigos em voos gratuitos; veja alguns casos



VOO DA ALEGRIA

Para o jantar do Lide, viajaram **Dyogo Oliveira** (Planejamento) e cinco casais, além do presidente do TST, Ives Gandra, e uma assessora



FESTA

O ministro **Helder Barbalho** (Integração Nacional) levou a mulher para a abertura do Arraial dos Caetés, em junho. Para o Maior São João do Mundo, o ex-ministro Bruno Araújo (Cidades) levou sua mulher, em 2016



CORAÇÃO DE MÃE

Maurício Quintella (Transportes) é um dos maiores caroneiros do governo. Seu voo já chegou a ter 25 pessoas, entre deputados, senadores e diretores de órgãos do governo ligados à pasta



COMPANHEIRAS DA REPÚBLICA

A mulher do ex-ministro **Antonio Imbassahy** (Secretaria de Governo), Marcia, é uma das que mais pegam carona em aviões da FAB



ENTRE AMIGOS

O ministro **Gilberto Kassab** (Ciência e Tecnologia) já viajou algumas vezes acompanhado do lobista da Globo, Paulo Tonet. Kassab levou também outros amigos em seus voos, como Marcelo Redher



SEGURANÇA NACIONAL

Eneida Fogliatto acompanhou seu marido, **Sérgio Etchegoyen** (GSI), a uma reunião da Abin em São Paulo, em fevereiro. Antes, em 2016, pegou uma carona com o ministro Quintella

Usuários dizem que não há proibição expressa

Os ministros negaram irregularidade em transportar parentes, empresários e lobistas a bordo de aviões da FAB (Força Aérea Brasileira).

Eles dizem que não há vedação expressa ao transporte de passageiros sem vínculo com a administração pública e as agendas oficiais.

O Ministério do Meio Ambiente afirmou que "nenhuma hospedagem" de "qualquer membro" da família de Sarney Filho foi paga com dinheiro público. "Qualquer irregularidade que, eventualmente, seja apontada, o que não acreditamos, será imediatamente investigada", disse.

Segundo Bruno Araújo, os deslocamentos ocorreram "por compromissos da pasta", dentro da legislação vigente.

Helder Barbalho declarou que "respeita integralmente a legislação em vigor". Segundo ele, a mulher, Daniela, integrou voo requisitado pelo então titular do Turismo, Marx Beltrão, que visitaria o São João em Bragança (PA).

O ministro disse ter dividido a viagem com o colega uma vez que tinha outra agenda prevista para o Estado. "Daniela foi convidada oficialmente pela organização do Arraial dos Caetés".

O GSI informou que a esposa do ministro Sérgio Etchegoyen viajou mediante aproveitamento de vagas disponíveis em voos previamente planejados, não incorrendo em quaisquer ônus".

Dyogo Oliveira (Planejamento) explicou que viajou acompanhado por outros ministros para o evento em Foz do Iguaçu, "em virtude da necessidade de compartilhamento de voos", prevista no decreto sobre os voos. Todas as autoridades, segundo ele, foram convidadas "formalmente a participar como palestrantes do evento" em Foz.

Kassab disse seguir a legislação e afirmou que embarcam nos voos "servidores da pasta ou pessoas relacionadas a setores que são de escopo de atuação" do ministério.

O Ministério dos Transportes disse que Maurício Quintella "não oferece nem dá" carona a congressistas. Os parlamentares que compõem a comitiva do ministro "têm participação nos eventos", afirmou. Sobre ter transportado a esposa do ministro-chefe do GSI, justificou que "a pessoa citada ocupou um assento livre".

Antonio Imbassahy não respondeu.

O presidente do TST, Ives Gandra, disse disse que viajou "por haver disponibilidade de lugar na aeronave e não haver", na ocasião, "voo comercial compatível com sua agenda institucional".

A Abert informou que seu presidente, Paulo Tonet, participou com Kassab de eventos oficiais da radiodifusão, segmento que representa. "Os voos mencionados foram realizados a convite do ministro e aceitos pelos representantes em vista da finalidade setorial dos eventos e da extensa agenda de compromissos."